

# EMPRÉSTIMOS LEXICAIS DO ITALIANO NO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL E SUAS IMPLICAÇÕES EM SALA DE AULA

## LEXICAL LENDING FROM ITALIAN IN PORTUGUESE OF SOUTH BRAZIL AND ITS CONSEQUENCE AT THE CLASSROOM

**Kamila Terezinha Trainotti**

Graduada em Letras Italiano pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
E-mail: kamila\_tt@yahoo.com.br

**Felício Wessling Margotti**

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Professor do Departamento de Língua e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC  
E-mail: wfelicio@cce.ufsc.br

### RESUMO

Levando-se em consideração a forte imigração italiana na Região Sul do Brasil e com base nos dados do Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): questionário semântico/lexical (volumes III e IV, no prelo), constata-se a influência dos dialetos de língua italiana em três vocábulos utilizados pelos falantes desta região: *rastel*, *feta* e *bergamota*. Sabendo-se destes empréstimos lexicais do italiano no português do Brasil, faz-se uma reflexão sobre a implicação desta realidade linguística em sala de aula, no ensino da língua portuguesa ou estrangeira. Aborda-se, também, a questão da valorização das línguas de imigração e o preconceito lingüístico.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия. Empréstimos lexicais. Preconceito lingüístico.

### ABSTRACT

Considering the heavy Italian immigration in South Brazil region and based at the facts of Ethnographic Linguistic Atlas of South Brazil region (ALERS) – edition III and IV: semantic/lexical questionnaire – it is realized the Italian language's influence and dialects, about three words used by people at this region: hoe, feta and bergamot. Knowing this lexical lending from Italian in Portuguese of Brazil, it appears the question about the implication of

this reality at the classroom, at schools, of Portuguese and foreign languages. Working the question of the valuing about the immigration languages and to minimize the language prejudice.

**Key-words:** Dialectology. Lexical Lending. Language Prejudice.

## 1 INTRODUÇÃO

Constitui o objetivo deste artigo a análise de empréstimos lexicais de dialetos italianos – doravante língua italiana – no português falado em comunidades nas quais haja contato lingüístico entre a língua da imigração italiana e o português. Para tanto, utilizou-se a base de dados do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): questionário semântico-lexical (volumes III e IV, no prelo).

Analisa-se a utilização de três vocábulos. Dois considerados como vindos da língua italiana, de seus dialetos, e incorporados à fala das comunidades de línguas em contato. O outro é uma suposição de possível permanência da utilização em função da língua italiana. Para apresentar estes vocábulos, fez-se uma contextualização histórica e linguística da imigração italiana no Sul do Brasil e um breve histórico do projeto ALERS. Na conclusão do artigo, discute-se uma possível aplicação prática dos empréstimos lexicais em sala de aula, especificamente no ensino do italiano como língua estrangeira.

## 2 DIRECIONAMENTO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

Para analisar a variação lexical atestada nas pesquisas realizadas pelo ALERS, é importante destacar a proveniência e as condições de utilização das línguas de imigração no Brasil e suas proporções, considerando que a Região Sul do Brasil recebeu, ao longo do século XIX e início do século XX, sucessivas levas de imigrantes europeus, especialmente italianos, alemães e poloneses. Segundo o historiador Renzo Grosselli (1986), as primeiras levas de imigração italiana ocorreram por volta de 1874, sendo que até 1882 entraram no Brasil mais de 170.000 imigrantes provenientes do norte da Itália. Essa primeira leva foi encaminhada para a Região Sul.

Trento (1989, p. 82) considera a semelhança climática entre o Sul do Brasil e o país de origem uma variante favorável para a migração de vênnetos, lombardos e trentinos. Segundo

Trento (1989, p.81), “a verdadeira colonização italiana no Sul do Brasil começa em 1875, data da entrada dos primeiros contingentes tanto no Rio Grande do Sul (RGS) como em Santa Catarina (SC) e no Paraná (PR).” O Rio Grande do Sul foi o estado que recebeu o maior contingente de imigrantes, seguido por Santa Catarina e Paraná. Tanto no RGS como em SC, os imigrantes italianos chegaram após os alemães (que chegaram a partir de 1824). No RGS, estes ficaram com as terras mais férteis e bem localizadas, na planície, e os italianos se encaminharam para a parte do planalto, região de mata fechada. Em SC, os alemães tinham lotes no Norte do Estado, a maioria dos italianos (vênetos e lombardos) se dirigiu para o Sul, e os trentinos também se estabeleceram no Norte. No Paraná, os italianos encontraram emigrantes poloneses estabelecidos poucos anos antes. As primeiras famílias italianas foram para uma localidade perto de Paranaguá, onde fundaram a Colônia Alexandra, mas a abandonaram logo depois devido à dificuldade de cultivo naquela área, encaminhando-se para Morretes. Outro contingente dirigiu-se para a periferia de Curitiba (TRENTO, 1989).

Após os anos oitenta do século XIX, a maior parte dos imigrantes foi encaminhada para as fazendas de café de São Paulo e Minas Gerais, locais que, de certa maneira, promoveram a aculturação destes grupos. Ali não recebiam terras como no Sul, e eram obrigados a realizar trabalhos exaustivos nas plantações. Diferentemente, na Região Sul, os imigrantes italianos tiveram maior possibilidade de manter sua cultura e, conseqüentemente, a língua, em sua variedade dialetal (BOSO, 2002). Os imigrantes italianos que se encontravam longe dos centros luso-brasileiros tinham liberdade para utilizar a língua materna (dialeto) (BONI; COSTA, 1984).

Segundo Vandresen (1996), o ensino da língua nacional era precário, e os imigrantes foram encaminhados para locais sem contato, a princípio, com o português. Assim surgiram as escolas étnicas, em que as aulas eram ministradas na língua falada na comunidade. A partir de 1900, introduziu-se o português como língua estrangeira nas escolas e, em 1937, iniciou-se a chamada “nacionalização do ensino”, cujo propósito foi impedir a utilização dos dialetos e línguas da imigração, principalmente do italiano e alemão, no território nacional (OLIVEIRA, 2002). Daí em diante, o uso das línguas de imigração foi bastante reduzido, ocasionando a progressiva substituição das línguas étnicas pelo português, língua oficial do Brasil, e, paralelamente, a discriminação de pessoas que apresentavam traços de língua minoritária na fala.

## 2.1 AS LÍNGUAS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Altenhofen (2002), ao delimitar áreas linguísticas do português no Sul do Brasil, deduz haver uma variedade distinta do português em áreas de imigração não lusa, variação esta intensificada pela pouca comunicação entre os núcleos de colonização. Muitos estudos relatam características das influências da língua italiana no português. Para exemplificar, cita-se Margotti (2004) e Spessatto (2001) que analisaram a variação do português em contato com o italiano.

O panorama dos dialetos trazidos pelos italianos da Região Sul do Brasil é o seguinte: no Rio Grande do Sul há uma concentração dialetal na área sudeste, em que predominam os dialetos vênets, porém, com ilhas dialetais lombardas e friulianas, área linguística também da chamada *coiné* (fusão de vários dialetos). Em Santa Catarina, predominam dialetos trentinos nas áreas nordeste, sul e oeste, separados por zonas linguísticas alemãs e luso-brasileiras. No Paraná, os dialetos concentram-se em áreas de antiga colonização (BOSO, 2002). Todavia, há quem afirme que também em Santa Catarina desenvolveu-se a chamada *coiné* veneta. Segundo José Curi (1994, p. 1-2),

se nos limitarmos ao trentino-vêneto ou à *coiné* italiana que cobre não só o Estado de Santa Catarina, mas todo o Sul do Brasil, não seria absurdo admitirmos uma 'cultura do talian', incluindo nesse conceito dialetos como o nosso trentino, o vêneto, o lombardo, o friulano, o piemontês, o vicentino, o padovano, o bergamasco, o napolitano etc., ou, para falar filologicamente, todos os dialetos que denunciam abertamente as suas longínquas matrizes latinas e pré-latinas, já que nossos dialetófonos, embora mais numerosos do Tri-vêneto, trouxeram vozes da Itália lombarda e meridional.

Com relação a estes três estados, o Rio Grande do Sul e Santa Catarina são mais promissores na resistência destas línguas. O primeiro possui maior força em função da grande área dialetal; já Santa Catarina encontra maiores dificuldades, pois os dialetos concentram-se em pequenas áreas e, assim, sofrem maior influência das zonas linguísticas limítrofes (BOSO, 2002).

### 3 BANCO DE DADOS DO ALERS

O ALERS é um Atlas Lingüístico e etnográfico que registra as variantes geolinguísticas, fonéticas, morfossintáticas e semântico-lexicais da língua portuguesa da Região Sul do Brasil.

O banco de dados do ALERS surgiu em 1980 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no grupo de Estudos da Variação Linguística do Rio Grande do Sul. Em 1987 formou-se a equipe regional com as Universidades Federais do Rio Grande do Sul (UFRGS), Santa Catarina (UFSC) e Paraná (UFPR). (ALERS, 2008).

Segundo Altenhofen (2002), os dados do ALERS reproduzem a fala de pessoas com escolarização até a 4ª série, entre 28 e 58 anos da área rural. Os inquéritos realizados pela equipe do Atlas concentraram-se num total 275 pontos na área rural, sendo 90 pontos no RGS, 80 em SC, 100 no PR, e mais 57 pontos em área urbana. O conteúdo do Atlas é dividido em 3 partes: o questionário semântico-lexical (QSL), que possui 610 itens num total de 800 perguntas e tarefas; o questionário morfossintático (QMS), que é constituído de 75 perguntas; e o questionário fonético (QFF) com 50 perguntas. Até o momento foram publicados os volumes 1 (introdução) e 2 (Cartas fonéticas e fonológicas). Os demais volumes encontram-se em vias de publicação. Estas e outras informações podem ser encontradas no site <http://www.alers.ufsc.br/index.htm>.

#### 4.1 EMPRÉSTIMOS LEXICAIS

Na fala dos informantes do ALERS, que inclui a fala de 275 informantes rurais dos três estados que compõem a Região Sul do Brasil, selecionou-se como possíveis empréstimos do italiano os vocábulos *rastel*, *feta* e *bergamota*

##### 4.1.1 Rastel, restel, rastelo, restelo - Mapa 108 do ALERS (anexo 1)

Pergunta do questionário semântico-lexical 148 do ALERS: *como se chama um instrumento de cabo longo e com uma travessa dentada na ponta, que serve para juntar folhas secas ou sujeira? (resposta esperada: ancinho)*. Observando as respostas pelo Mapa 108 (anexo 01), nota-se a alta incidência de *restel/rastel* e *rastelo/restelo* em toda a Região Sul.

O dicionário Garzanti Linguística (2008) traz *rastrello*, do latim *rastĕllu(m)*, como utensílio composto de um cabo longo que possui na extremidade uma barra transversal munida de dentes, serve para recolher feno e palha e para limpar o terreno (BOSO, 2002. 139). Também cita a tradução de *rastrello* para alguns dialetos: *restel* como dialeto proveniente de Rovereto e Vigolo Vattaro e *restelo* como dialeto da Valsugana, ou seja,

dialetos da região do Trentino, na Itália, de onde partiram muitos emigrantes que se fixaram no Sul do Brasil. Segundo Rocha (2008 apud KOCH, 2001), *rastelo* pode tratar-se de um empréstimo do italiano *rastélllo*, considerando que ocorre na região colonizada predominantemente por italianos. Já o Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio define a palavra *rastelo* como instrumento constituído por uma grade com dentes, com a qual se aplaina a terra lavrada.

Considerando a grande incidência de *rastel*, *restel*, *restelo* e *rastelo* nos três estados do sul, pode-se relacionar a utilização deste vocábulo ao fato de se tratar de um objeto utilizado no campo, onde os imigrantes e seus descendentes se fixaram e trabalharam por muito tempo. Assim, esse vocábulo teve sua permanência reforçada pelo uso intenso. A utilização deste vocábulo pelos entrevistados compreende a parte noroeste do Rio Grande do Sul, grande parte de Santa Catarina, abrangendo o oeste, centro, parte do litoral e o extremo norte do Paraná.

Assim, fica clara a propagação do vocábulo na Região Sul, mesmo em cidades em que não houve imigração italiana, haja vista que estas são rodeadas por localidades colonizadas por italianos, difundindo-se, portanto, no espaço geográfico vizinho.

#### **4.1.2 Feta, fetia, fitia - Mapa 358 do ALERS (anexo 2)**

Pergunta do QSL 609 do ALERS: *como se chamam as partes cortadas do pão?* Verifica-se uma possível apropriação da palavra *Fetta* do italiano, a qual, segundo o dicionário Garzanti Linguística, tem provável origem do latim vulgar *offitta(m)*, que significa pedaço de alimento cortado, *fetta* de pão, *fetta* de terra. A palavra *fetta* não possui registro no dicionário da língua portuguesa, podendo-se, então, atribuir sua utilização ao contato com a língua de imigrantes italianos.

Ao observar o mapa 358 do ALERS (anexo 02), conclui-se que as ocorrências de *feta* no Rio Grande do Sul correspondem a localidades de imigração italiana, tais como Carlos Barbosa (736), Nova Palma (746), Anta Gorda (728), Nova Prata (722), Serafina Correa (720) e Sananduva (671). Em todas estas cidades, os entrevistados falavam dialetos italianos, além do português. O mesmo ocorre nas cidades de São Miguel d'Oeste (413) e Rodeio (509), ambas em Santa Catarina. Assim, pode-se afirmar que a utilização de *feta* e suas variantes *fetia* e *fitia* provêm do contato com o italiano.

Já no Estado do Paraná, somente três, das nove cidades em que o ALERS constatou a utilização de *feta*, tinham falantes do italiano. São elas: Sertanópolis (47), Curitiba (247) e Chopinzinho (278); Altônia (122), Cianorte (114), Loanda (11), Mandaguari (141), Londrina (56) e Arapongas (53). Nas seis últimas localidades, os informantes são descendentes lusos, porém, vivem em comunidades com presença da imigração italiana. Explica-se que a apropriação do vocábulo por estes falantes resultou do contato com falantes da língua italiana.

#### **4.1.3 Bergamota, vergamota - Mapa 062 do ALERS (anexo 3)**

Pergunta do QSL 126 do ALERS: *uma fruta menor que a laranja, que se descasca com a mão?* Segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa, *Bergamota* é uma variedade da pêra sumarenta da família das rutáceas, de flores muito aromáticas e fruto puriforme com casca fina, lisa e amarela, com origem etimológica do italiano *bergamoto*. O conceito investido pelo dicionário Garzanti Linguística é de que *Bergamoto* é uma variedade prestigiada de pêra com perfume de cedro. Com origem do turco *beg-armu-dî* 'pero (*armu-dî*) del principe (*beg*)'.

Rocha (2008) presume que a resistência desta variante na região ocorra em função do contato com a língua dos imigrantes italianos nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além da possibilidade do contato com línguas hispânicas nas fronteiras, considerando que no espanhol também existe a palavra *bergamota*.

No mapa 062 do ALERS (anexo 03), verifica-se que *Bergamota* é predominante no Rio Grande do Sul, mas tem também grande incidência em Santa Catarina e em uma pequena faixa do sudoeste do Paraná. Essas ocorrências em Santa Catarina e Paraná foram registradas em cidades de imigração italiana ou circundadas por cidades que o sejam. Pode-se dizer, então, que *bergamota* e *vergamota* podem ter resistido na região Sul por influência da língua italiana. Suposição esta também feita por ROCHA (2008) ao analisar a utilização deste vocábulo.

## **5 IMPLICAÇÕES DOS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS EM SALA DE AULA**

Considerando as análises acima, surge a questão do ensino. Como agir em sala de aula perante estas variações ocasionadas pelo contato com a língua italiana?

Para o professor de italiano (*Standard*), essas variações podem ser um ponto positivo para refletir junto com os alunos sobre a importância linguística e histórica dos dialetos trazidos pelos imigrantes e que caracterizam muitas comunidades dos estados do Sul. Ao conhecer melhor o percurso destas línguas na história, os alunos poderão contribuir para diminuição do preconceito linguístico, ajudando a comunidade a compreender que os moradores que utilizam um dialeto não estão falando um “italiano errado”. Acima de tudo, é importante valorizar o conhecimento dos alunos, pois, como afirma o pedagogo brasileiro Paulo Freire (2005), “podemos aproveitar as experiências que os alunos trazem para a sala de aula criando um ambiente mais relacionado à sua realidade”.

Pode-se aplicar as mesmas justificativas quanto à valorização da fala do aluno no ensino da língua portuguesa, como citam Margotti e Vieira (2006, p. 122):

O ensino da variedade padrão escrita deve incluir, necessariamente o conhecimento da própria fala (do aprendiz), com suas variantes, e da(s) fala(s) das comunidades, com suas variantes, onde o professor irá atuar, exorcizando o preconceito de que o aluno fala “errado” e que a “pretensa fala uniforme” preconizada pela escola (isto é, dos professores) é correta.

Em se tratando das línguas dialetais dos imigrantes italianos, valorizar significa dar uma chance de sobrevivência para estas línguas, e também uma chance ao ensino democrático das línguas, sem julgamento de valor, facilitando o aprendizado dos alunos.

## REFERÊNCIAS

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). v. 3 e 4. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC; Curitiba: UFPR, 2002.

ALERS. *Banco de dados do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. Disponível em: <http://www.alers.ufsc.br/index.htm>. Acesso em 19 de junho de 2008.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (org). *Variação e mudança no português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 115-145.

BONI, Luis A. de; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. 3ª ed. Caxias do Sul: Correio Rio Grandense, 1984.

BOSO, Ivete. *Noi altre che parlen tuti em talian - dialetti trentini in Brasile*. Trento: Museo Storico di Trento, 2002.

CURI, José. *A importância do resgate da italianidade em Santa Catarina*, 1994. Fotocopiado.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DICIONÁRIO GARZANTI LINGÜÍSTICA. Disponível em <http://www.garzantilinguistica.it/>  
Acesso em 19 de junho de 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa*. 31<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GROSSELLI, Renzo Maria.; GIANOTTI, Annarosa. *Vincere o morire: contadini trentini (veneti e lombardi): nelle foreste brasiliane*. Trento: Cura Della Provincia Autonoma di Trento, 1986.

MARGOTTI, Felício Wessling; VIEIRA, Hilda Gomes. Indicadores de áreas lexicais em Santa Catarina: subsídios para políticas de ensino de língua portuguesa. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl (orgs). *Sociolinguística e ensino: contribuições para formação do professor de língua*. Florianópolis: UFSC, 2006.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito linguístico. In: *O direito à fala: A questão do preconceito linguístico*. 2<sup>a</sup> ed. Florianópolis: Insular, 2002.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

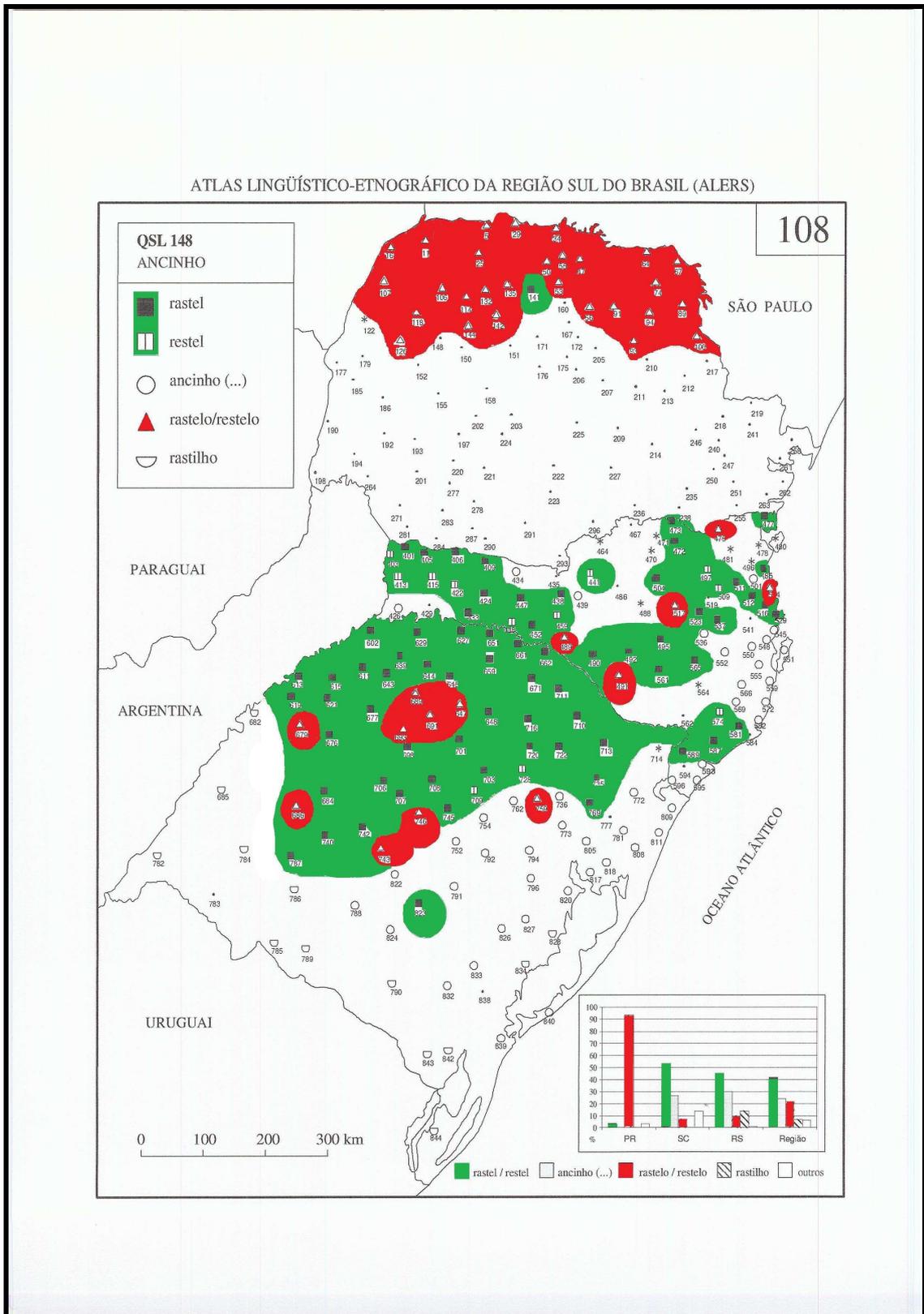
ROCHA, Patrícia Graciela da. *O português de contato com o espanhol no sul do Brasil: empréstimos lexicais*. Dissertação (Mestrado em linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SPESSATO, Marizete Bortolozza. *Marcas da história: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó*. Dissertação (Mestrado em linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

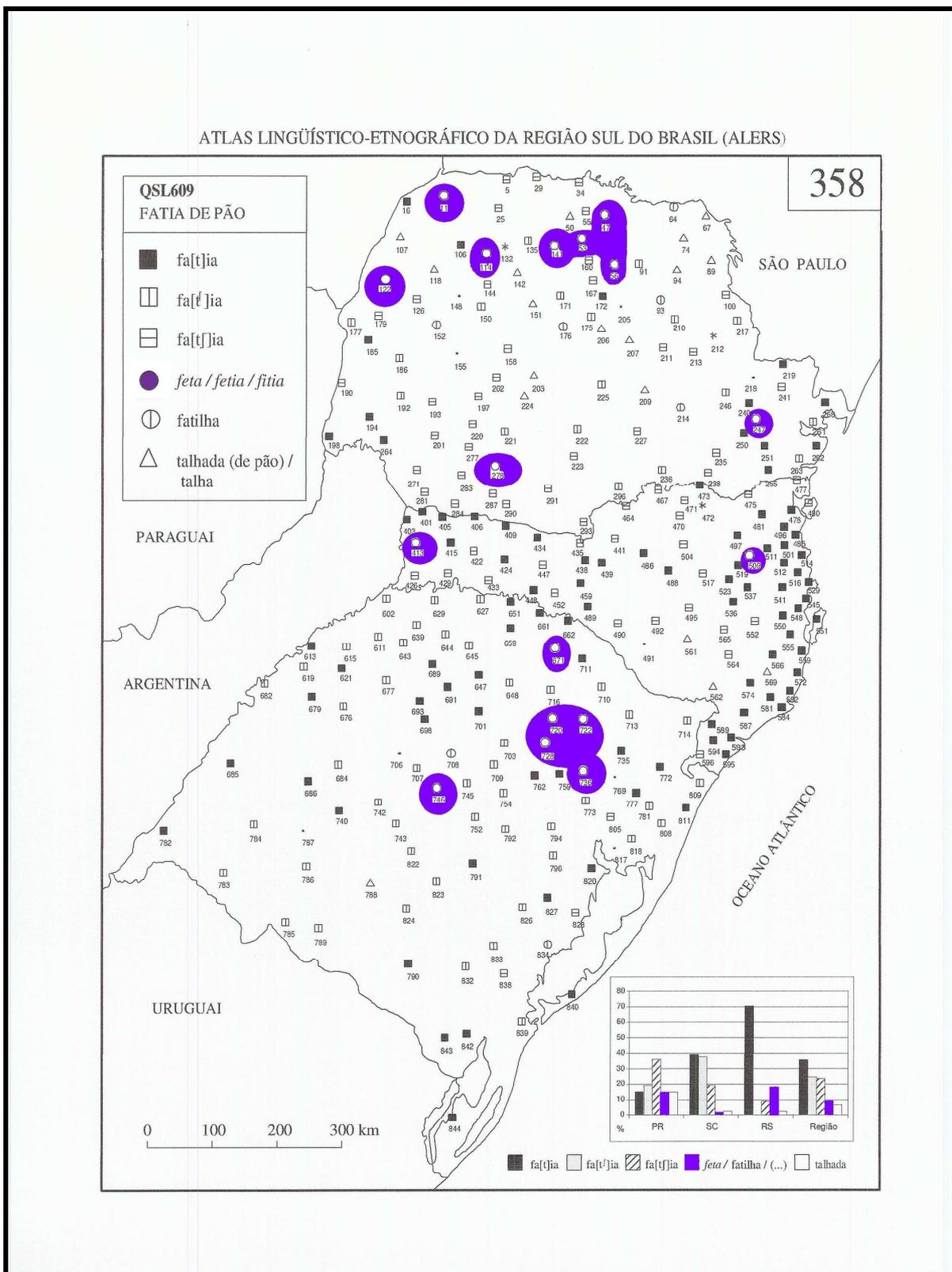
TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Instituto Italiano di Cultura di San Paolo, 1989.

VANDRESEM, Paulino. O ensino do português em áreas bilíngües: uma perspectiva histórica. In: ABRALIC. Salvador, 1996.

# ANEXO 1 - MAPA 108 DO ALERS - QSL 148 - ANCINHO



## ANEXO 2: MAPA 358 DO ALERS - QSL 609 - FATIA DE PÃO



### ANEXO 3: MAPA 062 DO ALERS - QSL 126 - BERGAMOTA

